

Åsa Larsson

# A Senda Obscura

Tradução

Ana Maria Pinto da Silva



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO  
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito  
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© 2006, Åsa Larsson

Publicado originalmente por Albert Bonniers Förlag, Estocolmo, Suécia  
Publicado com autorização de Bonnier Group Agency, Estocolmo, Suécia

© 2011, Planeta Manuscrito

Título original: *Svat Stig*

Revisão: Fernanda Fonseca

Paginação: Maria João Cifka

1.ª edição: Junho de 2012

Depósito legal n.º 344 291/12

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-301-0

[www.planeta.pt](http://www.planeta.pt)

**Excerto das anotações da história clínica  
do dia 12 de Setembro de 2003  
referente à paciente Rebecka Martinsson**

Motivo do contacto: a paciente foi internada no hospital de Kiruna com ferimentos na face devido a queda e traumatismo na cabeça. No momento do internamento, encontra-se em estado psicótico agudo. É necessário o tratamento cirúrgico dos ferimentos no rosto, pelo que a paciente é anestesiada. Ao acordar da anestesia, mantêm-se evidentes os sintomas psicóticos. Decisão de assistência obrigatória segundo o § 3 da Lei de Tratamento Compulsivo, a LTO. Transferência para a clínica de psiquiatria do Hospital de Sant Görán, de Estocolmo, e internamento no departamento de admissões. Diagnóstico preliminar: psicose SOE (sem outra especificação). Tratamento: *Risperdal* mix 8 mg/dia e *Sobril* 50 mg/dia.

No presente.

Olha, vem com as nuvens e cada olho deverá vê-lo.

Ao fim do dia.

É o momento do cavalo vermelho de fogo. Ela chega com a longa espada para que as pessoas se matem entre si.

E aqui. Agarram-me pelos braços. Não escutam. Obstina-dos, recusam-se a erguer os olhos para o céu que se abre sobre eles.

É o momento do cavalo amarelo-pálido.  
E arranha com o seu casco afiado. Espezinha a terra na sua trajectória.  
Chegou um grande terramoto e a terra tornou-se negra como um  
saco de crinas e a Lua inteira parecia sangue.

Fiquei ali. Somos muitos os que ficamos. Caímos de joelhos diante da  
nossa viagem entre a escuridão e esvaziamos as nossas tripas de medo.  
A caminho do mar que arde pelo fogo e pelo enxofre, e esta é a segunda  
morte. Só restam uns minutos. Agarramo-nos ao primeiro que encon-  
tramos. Agarramo-nos com força ao que está mais perto.

Ouçõ a voz das sete tormentas. Por fim, as palavras são nítidas.  
Dizem. Que o momento. Chegou.  
Mas aqui ninguém escuta.

**Excerto das anotações da história clínica  
do dia 27 de Setembro de 2003  
referente à paciente Rebecka Martinsson**

Contacto com a paciente, responde quando se fala com  
ela, é capaz de descrever os acontecimentos que provocaram  
a psicose maníaco-depressiva. Demonstra sintomas vitais evi-  
dentes de depressão: perda de peso, apatia, sono nocturno  
alterado com despertar prematuro. Risco iminente de sui-  
cídio. Prossegue o tratamento ETC. *Cipramil* em drageias  
40 mg/dia.

Um dos cuidadores (sou eu quem tem um cuidador, como são as coi-  
sas) chama-se Johan. Ou será Jonas? Johnny? Leva-me para dar um pas-  
seio. Não posso estar sozinha. Não vamos longe. No entanto, sinto-me  
incompreensivelmente cansada. Pode ser que se dê conta disso quando  
voltarmos. Não aparenta notar coisa alguma. Fala o tempo todo. Tanto  
melhor, assim não tenho de ser eu a fazê-lo.

Fala do combate pelo título entre Muhammad Ali e George Foreman,  
em 1974, no Zaire.

– Deram-lhe uma boa sova. Estava encostado às cordas e deixava que  
Foreman lhe batesse. Foreman era tão cruel. Estamos a falar de pesos pesa-  
dos e quase toda a gente já o esqueceu mas as pessoas, antes do combate,

estavam preocupadas com Ali. Achavam que Foreman poderia matá-lo. E lá estava Ali como o estupor... de uma pedra! Aguentando a tarefa durante sete assaltos. Escarnecendo de Foreman. No sétimo assalto inclinou-se sobre o ombro de Foreman e sussurrou-lhe ao ouvido: «*Is that all you got, George?*» E era mesmo. Depois veio o oitavo assalto e Foreman mal se aguentava em pé. Foi então que surgiu aquele tiro de canhão. Soou ali mesmo como: Chum! – A sua mão direita desferiu um gancho no ar. – Foreman caiu como um tronco de árvore. Prracasch!

Ando calada. Noto que as árvores começam a cheirar a Outono. E ele continua a falar. Agora fala de *Rumble in the Jungle. I am the greatest. Thrilla in Manilla*<sup>1</sup>.

Ou então fala da Segunda Guerra Mundial (*será que ele pode falar comigo sobre isso?*, pergunto-me para com os meus botões. Não estarei demasiado susceptível, isto é, frágil? O que diria a esse respeito o médico-chefe?):

– Os japoneses, esses sim, são autênticos guerreiros. Sabias que quando acabava o combustível aos pilotos de combate no meio do oceano Pacífico e havia um porta-aviões americano à vista, eles deixavam-se cair sobre eles? Pow! Ou então faziam uma elegante aterragem sobre o mar, só para demonstrar como eram pilotos incríveis. Depois, os que sobreviviam saltavam para a água e praticavam o haraquiri. Não permitiam que o inimigo os capturasse com vida. O mesmo acontecia quando lutavam em Saipan. Atiravam-se dos penhascos como uma fila de lemingues quando se apercebiam que haviam sido derrotado. Os americanos ficavam com os megafones na mão, à espera que eles se rendessem.

Assim que voltamos para a enfermaria, de repente sinto medo que ele me pergunte se gostei do passeio. Será que vai perguntar-me se gostei? Ou se quereirei voltar a repeti-lo amanhã?

Não sou capaz de responder nem «sim» nem «gostaria, sim». É como quando eu era pequena e umas senhoras da aldeia me

---

<sup>1</sup> Rumble in the Jungle e Thrilla in Manilla foram dois lendários combates de pugilismo de Muhammad Ali, o primeiro no Zaire (hoje República Democrática do Congo) e o segundo nas Filipinas. (*N. da T.*)

convidavam para tomar um gelado ou um refresco. Perguntavam sempre: «Está bom?» Muito embora soubessem disso muito bem. Estava eu ali a dar-lhe umas boas lambedelas, calada e na expectativa. Mas era preciso dar-lhes alguma coisa. Um prémio. «Sim» ou, melhor ainda, «obrigada». Pobrezinha da menina, filha de uma mãe louca. Já não tenho nada para dar. Se me perguntar, terei de lhe dizer que não. Apesar de ter sido agradável apanhar ar. Aquela ala cheira a suor, a medicamentos, a fumo, a sujidade, a hospital e a detergente de limpar o chão de linóleo.

Mas ele não pergunta. No dia seguinte, também me leva para dar uma volta.

**Excerto da epícrise do dia 30 de Outubro  
de 2003 referente à paciente Rebecka  
Martinsson**

A paciente respondeu bem ao tratamento. Considera-se que já não existe risco de suicídio. Nas últimas duas semanas foi atendida de acordo com a Lei de Sanidade e Saúde. Preocupada, mas não gravemente deprimida. Foi transferida para a sua casa em Kurravaara, localidade nos arredores de Kiruna, lugar onde foi criada. Contacto continuado com os serviços sanitários ambulatoriais em Kiruna. Medicação continuada *Cipramil* 40 mg/dia.

O médico-chefe pergunta-me como estou. Respondo-lhe: bem.

Fica calado e olha para mim. Quase sorri. Examina-me. Pode ficar calado durante todo o tempo do mundo. É um especialista nisso. Os silêncios irritam. Por fim, eu digo: suficientemente bem. É a resposta correcta. Concorde com a cabeça.

Não posso ficar aqui. Ocupei uma cama durante demasiado tempo. Há mulheres que precisam dela mais do que eu. Como essas que ateiam fogo ao próprio cabelo. Que chegam à enfermaria e engolem pedaços de espelhos na casa de banho e é preciso levá-las para as urgências em menos de dois segundos. Eu consigo falar, responder, levantar-me de manhã e lavar os dentes.

Odeio-o por não me obrigar a ficar aqui para sempre. Por não ser Deus. Depois, sento-me no comboio rumo ao norte. A paisagem passa depressa num rápido piscar de olhos. Primeiro aparecem grandes árvores de folha caduca em tons vermelhos e amarelos. O sol de Outono e um montão de casas. Em todas elas, as pessoas vivem a sua vida. De alguma maneira continuam em frente.

A seguir a Bastuträsk há neve. E depois, por fim: bosque, bosque, bosque. Vou a caminho de casa. As bétulas vão encolhendo de tamanho, enxutas, delgadas e negras em contraste com o branco.

Comprimo a testa e o nariz de encontro à janela.

*Sinto-me bem, digo a mim mesma. Isto é estar bem.*

**Sábado**



**15 de Março de 2005**

Noite em fins de Inverno no lago Torneträsk. A camada de gelo é espessa, mais de um metro. Por todo o lago, com 70 quilómetros de comprimento, há cabanas flutuantes onde as pessoas se resguardam para pescar, casinhas de quatro metros quadrados com lâminas de patim por baixo de modo a poderem deslizar sobre o gelo. No fim do Inverno, os habitantes de Kiruna sobem até ao lago Torneträsk em motas de neve com que rebocam as casinhas flutuantes.

No interior da cabana existe um alçapão no soalho. Fura-se com um broquim um buraco no gelo grosso e põe-se um tubo de plástico em torno dele e de encontro à portinhola para que o vento gelado não entre na cabana pela parte de baixo. Depois, as pessoas sentam-se a pescar através do buraco.



Leif Pudas estava de ceroulas a pescar na sua cabana. Eram oito e meia da noite. Havia bebido umas quantas cervejas, visto ser sábado. O fogareiro estava aceso e aquecia. Fazia muito calor. A temperatura tinha ultrapassado os 25° C. Também havia pescado quinze trutas pequenas, mesmo assim. Guardara igualmente alguns peixes para o gato da irmã.

Quando teve vontade de urinar, sentiu uma espécie de libertação, porque estava com muito calor. Seria agradável sair por uns momentos e refrescar-se um pouco. Calçou as botas próprias para circular na mota de neve e saiu em ceroulas para o frio e para a escuridão.

Assim que abriu a porta, o vento abanou-a de imediato e com violência.

Durante o dia fizera sol e nada de vento. Todavia, nas montanhas o clima está constantemente a mudar. A tempestade abanava e açoitava a porta como um cão enraivecido. A princípio quase não havia vento, era como se estivesse quieto, grunhindo, reunindo forças. Em seguida, pôs-se em movimento como um demónio. Perguntava-se se os gonzos iriam aguentar. Leif Pudas agarrou a porta com as duas mãos para poder fechá-la. Talvez fosse melhor vestir alguma roupa. Bah, tanto faz, não vai demorar muito a fazer uma mijinha.

As rajadas de vento transportavam consigo neve solta. Nada de neve mole e em pó, mas sim em forma de afiados diamantes de neve a voar. Passava pelo chão como se fosse um chicote branco, rasgando-lhe a pele com um ritmo pausado e doloroso.

Leif Pudas procurou ao lado da cabana um lugar onde pudesse abrigar-se do vento e pôs-se a urinar. Estava resguardado do vento, mas fazia um frio de rachar. O seu escroto contraiu-se até se transformar numa bola dura como uma pedra. Em todo o caso, conseguiu urinar e pensou que o mijo ficaria gelado no ar. Que se transformaria num arco amarelo de gelo.

Quando terminou, ouviu uma espécie de mugido através do vento e viu que tinha a cabana mesmo atrás de si. Quase o fez cair com o encontro que lhe deu. Depois, seguiu-a levada pelo vento, fazendo-a deslizar.

Demorou alguns segundos a compreender o que se tinha passado. A tempestade arrastara a cabana do seu lugar. Viu a janela quadrada de luz cálida na escuridão e como ela se afastava dele.

Deu uns quantos passos correndo no escuro, mas a ancoragem tinha-se soltado e a cabana ganhou velocidade. Não havia nenhuma possibilidade de a alcançar; afastava-se depressa sobre as lâminas de patim.

Primeiro, só pensou na cabana. Construía-a ele mesmo em contraplacado e isolara-a e revestira-a com alumínio. No dia seguinte, quando a encontrasse, só serviria para fazer uma fogueira para o café. Esperava que não magoasse ninguém. Então sim, teria muito que lamentar.

Ao fim de um momento, veio uma forte rajada de vento. Quase o fez cair no chão. Foi então que se deu conta de que estava em perigo. Com toda aquela cerveja no corpo, era como se tivesse o sangue mesmo debaixo

da pele. Se não conseguisse encafiar-se nalgum lugar, dentro de muito pouco tempo ficaria congelado.

Olhou em redor. Até lá acima, na direcção da estância turística de Abisko, de certeza que distaria perto de um quilómetro. Não chegaria até lá. Era uma questão de minutos. Onde estaria a cabana mais próxima? A cortina de neve e a tempestade faziam que não fosse capaz de ver a luz das outras cabanas.

*Pensa*, disse para si mesma. *Não dês nem mais a porra de um passo sem antes usares a cabeça. Onde estás?*

Usou a cabeça durante três segundos e reparou no quanto as suas mãos estavam a ficar geladas. Enfiou-as debaixo das axilas. Deu quatro passos desde o lugar onde se encontrava e conseguiu chegar até à mota de neve. A chave estava na cabana fugitiva, mas tinha uma pequena caixa de ferramentas debaixo do assento e tirou-a.

Depois, pediu a alguém lá das alturas que o fizesse caminhar na direcção da cabana vizinha mais próxima. Não eram mais de vinte metros, mas sentia vontade de chorar a cada passo. Com medo de não a encontrar. Nesse caso, morreria.

Procurava a cabana de fibra de Persson. A neve aguçada e cortante batia-lhe na cara. Como olhava fixamente, formava-se uma espécie de saibro nos olhos e não via nada com a escuridão e a neve, pelo que precisava de os enxugar.

Pensou na irmã. E pensou na sua anterior companheira; tinham passado bons momentos em muitos aspectos.

Quase tropeça com a cabana de Persson sem sequer a ter visto. Não estava ninguém em casa. Escuridão nas janelas. Tirou um martelo da caixa de ferramentas. Foi obrigado a usar a mão esquerda porque não conseguia mexer a direita. Doía-lhe horrivelmente por estar a agarrar a pega da caixa de ferramentas. Foi às apalpadelas através da escuridão até à pequena janela de plástico e partiu-a.

O medo dava-lhe forças e enfiou os seus quase cem quilos pela janela. Praguejou quando arranhou a barriga de encontro ao canto afiado de metal, mas não tinha importância. Nunca a morte lhe respirara tão perto da nuca.

Uma vez lá dentro, precisava aquecer-se. Muito embora estivesse resguardado do ar exterior, dentro da cabana fazia frio.

Abriu umas quantas gavetas até que por fim encontrou fósforos. Como iria ser capaz de pegar numa coisa assim tão pequena quando tinha as mãos completamente geladas? Meteu os dedos na boca para poder aquecê-los até voltar a ter sensibilidade suficiente e conseguiu acender o candeeiro de gás e o fogareiro. Tremia-lhe o corpo todo e tinha calafrios. Nunca em toda a sua vida sentira tanto frio como agora. Estava gelado até aos ossos.

– Porra, que frio. Porra, porra, que frio – repetiu várias vezes em voz alta.

De alguma maneira, isso mantinha afastado o pânico. Era como se assim fizesse companhia a si mesmo.

O vento entrava pela janela como uma maldição. Pegou num almofadão que estava encostado à parede e conseguiu deter a entrada de ar o suficiente, prendendo-o entre o varão das cortinas e a parede.

Continuou à procura e encontrou um anoraque vermelho, que devia pertencer à senhora Persson. E também encontrou uma gaveta com roupa interior. Enfiou umas ceroulas nas pernas e outras na cabeça.

O calor foi surgindo devagar. Mantinha as extremidades perto do fogareiro. Tinha formigueiro e dores pelo corpo todo. Sentia uma dor dos diabos. Numa das faces e numa das orelhas não tinha qualquer sensibilidade. Era um mau sinal.

No beliche havia um montão de edredões. Estavam gelados, mas iria embrulhar-se neles. Pelo menos isolavam.

*Sobrevivi*, disse para si mesmo. *O que importa se me cair a orelha?*

Tirou um edredão do beliche. Tinha um estampado de flores grandes em diferentes tons de azul, uma relíquia dos anos de 1970.

E lá debaixo havia uma mulher. Tinha os olhos abertos e, por estarem congelados, brancos como o gelo. No queixo e nas mãos apresentava algo parecido com uma papa, ou talvez fosse vómito. Tinha vestido um fato-de-treino. No casaco via-se uma mancha vermelha.

Não gritou. Nem sequer ficou surpreendido. Era como se estivesse saturado por tudo o que lhe havia acontecido.

– Mas que grandíssima porra – limitou-se a dizer.

O que sentiu no corpo assemelhava-se ao que nos acontece quando vemos um cachorro que mija pela enésima vez dentro de casa. Resignação, porque tudo está uma merda.

Resistiu ao impulso de tornar a tapá-la com o edredão e esquecer-se dela.

Depois, sentou-se a pensar. Que diabos iria fazer agora? Naturalmente, tinha de ir até à estância turística. Muito embora não estivesse com grande vontade de caminhar no escuro. Não tinha outro remédio. Por outro lado, também não queria ficar ali a descongelar ao pé dela.

Seja como for, precisava ficar sentado por um momento. Até parar de sentir tanto frio.

Entre eles criou-se uma espécie de comunhão. Ela fez-lhe companhia durante a hora em que esteve sentado a sofrer de dores em todo o corpo à medida que o calor se apoderava de novo dele. Pôs as mãos a aquecer de encontro ao fogareiro de gásóleo.

Não disse nada. Nem ela, tão-pouco.

A inspectora-chefe, Anna-Maria Mella, e o seu colega Sven-Erik Stålnacke chegaram ao local da descoberta às onze e quinze da noite de sábado. A polícia tomara de empréstimo duas motas de neve da estância turística de Abisko. Uma delas levava um trenó a reboque. Um dos guias turísticos oferecera-se para os ajudar e conduzia os dois polícias através da tempestade e da escuridão.

Leif Pudas, que encontrara o corpo, estava na estância turística de Abisko e já fora interrogado pelos da unidade móvel, que haviam sido os primeiros a chegar ao local.

Quando Leif Pudas chegou à estância turística, a recepção estava encerrada. O pessoal do *pub* demorou um bocado a levá-lo a sério. Era sábado à noite e, pelos vistos, ali estavam acostumados à roupa informal. As pessoas podiam despir o macacão polar próprio para conduzir a mota de neve e ficar a beber uma cerveja em roupa interior. Contudo, Leif Pudas chegara ali com botas e vestido com um anoraque de mulher que só lhe chegava até ao umbigo e umas ceroulas na cabeça em jeito de turbante.

Perceberam, por fim, que alguma coisa de muito grave havia acontecido quando ele desatou a chorar. Primeiro escutaram e depois tomaram conta dele ao mesmo tempo que chamavam a polícia.

Disse que havia encontrado uma mulher morta e repetiu por várias vezes que aquela cabana não era sua. Apesar disso, pensaram que se tratava de um homem que matara a sua mulher. Ninguém quisera fitá-lo directamente nos olhos. Ficou sozinho, sentado e a chorar sem incomodar ninguém até que chegou a polícia.

Foi impossível isolar a zona em redor da cabana. O vento fazia voar a faixa constantemente. O que fizeram foi atar uma faixa amarela e preta em torno da cabana. Rodearam-na como se fosse um pacote. Depois começaram a tremer por causa do vento frio. Os técnicos da polícia científica já tinham chegado e trabalhavam na pequena superfície à luz de uns holofotes e da ténue iluminação do candeeiro de gasóleo proveniente da cabana.

No interior desta não cabiam mais de duas pessoas. Enquanto os técnicos da polícia científica trabalhavam, Anna-Maria Mella e Sven-Erik Stålnacke ficaram lá fora tentando manter-se em movimento.

Era completamente impossível ouvir o que diziam um ao outro através da tempestade e dos grossos gorros que usavam na cabeça. Sven-Erik tinha até um gorro com orelheiras. Por norma não usava nada na cabeça mesmo que se estivesse em pleno Inverno. Gritavam um para o outro e movimentavam-se como se fossem gordos bonecos da Michelin com os seus macacões próprios para andar de mota de neve.

– Olha – gritou-lhe Anna-Maria. – Isto é ridículo.

Estendeu os braços e ficou ali como uma vela contra o vento. Era uma mulher baixa, não pesava demasiado. Além disso, a neve tinha derretido durante o dia para depois congelar de novo e transformar-se em gelo brilhante à noite. Quando se pôs naquela posição, o vento empurrou-a e começou a deslocá-la lentamente de lugar.

Sven-Erik desatou a rir e simulou apressar-se para apanhá-la antes de o vento a levar até à outra margem do lago.

Os técnicos da polícia científica saíram da cabana.

– Seja como for, este não é o local do crime – gritou um deles para Anna-Maria Mella. – Ao que tudo indica, cravaram-lhe uma faca. Mas, como já disse, não parece ter sido aqui. Podem levar o corpo. Nós continuaremos amanhã, quando for possível ver alguma coisa.

– E para não ficarmos com o cu gelado – gritou o colega, que trazia uma roupa demasiado leve.

Os técnicos da polícia científica sentaram-se no trenó rebocado pela mota de neve e foram levados de volta para a estância turística.

Anna-Maria Mella e Sven-Erik Stålnacke entraram na cabana.

Lá dentro era muito pequeno e fazia frio.

– Pelo menos não temos de suportar aquele estupor de vento – disse Sven-Erik fechando a porta. – Assim sim. Agora podemos falar sem ser aos gritos.

A pequena mesa rebatível que se encontrava aparafusada à parede tinha um forro que imitava madeira. As cadeiras, quatro no total, eram de plástico branco e estavam empilhadas uma dentro da outra. Havia um fogão pequeno e uma diminuta pia de cozinha. No chão via-se uma cortina de cozinha aos quadrados brancos e vermelhos junto de umas flores artificiais de pano numa jarra de cerâmica, sob uma janela de plexiglas. Uma almofada comprimida resguardava do vento que queria entrar através da janela.

Sven-Erik abriu o armário. Lá dentro havia um fogareiro. Voltou a fechá-lo.

– Ora, ora, ainda não tínhamos visto isto – disse ele.

Anna-Maria olhou para a mulher que estava no beliche.

– Um metro e setenta e cinco? – perguntou.

Sven-Erik assentiu com a cabeça ao mesmo tempo que tirava uns pedaços de gelo que se lhe tinham formado no bigode.

Anna-Maria tirou o gravador do bolso. Debateu-se com ele por um momento, porque as pilhas tinham arrefecido e não queriam funcionar.

– Vamos, anda, mexe-te – dizia para o aparelho e aproximou-o do fogareiro, que se debatia corajosamente de modo a aquecer o interior da cabana, apesar da janela partida e da enorme fresta da porta.

Quando conseguiu pôr o aparelho a trabalhar, ditou uma descrição.

– Mulher, loura, com corte de cabelo estilo pajem, cerca de quarenta anos de idade... É bonita, não é verdade?

Sven-Erik assentiu com um murmúrio.

– Pois a mim parece-me bonita. Um metro e setenta e cinco de altura, magra, seios grandes. Não traz anéis nem outras jóias. É difícil determinar a cor dos olhos nesta situação, quem sabe se o médico-legista... Casaco de fato de treino azul-claro, corta-vento, com prováveis manchas de sangue, mas saberemos mais pormenores dentro em breve. Calças a condizer e ténis de corrida.

Anna-Maria debruçou-se sobre a mulher.



– Está maquilhada, lápis de contorno de lábios, sombra de olhos e rímel – continuou a gravar. – Não é estranho, se estava a preparar-se para ir treinar? E por que razão não está a usar um gorro?

– O dia hoje foi bonito e houve bastante calor, e ontem também – respondeu Sven-Erik. – Desde que não haja vento...

– Mas se estamos em pleno Inverno! Tu és o único que nunca usa gorro. Em todo o caso a roupa não parece barata e ela também não. De certa maneira, tem estilo.

Anna-Maria desligou o gravador.

– Ainda esta noite iremos bater a algumas portas. À da estância turística e às da zona leste de Abisko. Perguntaremos também aos comerciantes se sabem de alguma coisa. Alguém deve ter comunicado o seu desaparecimento, penso eu.

– Parece-me que a conheço de algum lado – disse Sven-Erik pensativo.

Anna-Maria assentiu com um aceno de cabeça.

– Então talvez seja alguém de Kiruna. Pensa um pouco. Alguém que tenhas visto em algum lugar. No dentista? Uma empregada de alguma loja? No banco?

Sven-Erik abanou a cabeça.

– Pára com isso, vai – replicou ele. – Vou acabar por me lembrar... se calhar lembrar-me.

– Também temos de ver todas as cabanas de pesca – acrescentou Anna-Maria.

– Sim, no meio desta merda de tempestade.

– Mesmo assim.

– Claro que sim.

Entreolharam-se por um momento.

Sven-Erik parecia cansado, pensou Anna-Maria. Cansado e deprimido. Acontecia-lhe isso com as mulheres mortas. Sobretudo, mortas em circunstâncias trágicas. Podiam estar mortas devido a um espancamento na cozinha enquanto o marido chorava desconsolado no quarto. E ainda podia dar-se graças aos céus se não houvesse crianças pequenas que tivessem presenciado tudo.

A ela, isso não a afectava assim tanto; bom, afectava sim, é claro, se se tratava de crianças. De crianças e de animais: nunca conseguiria

acostumar-se a isso. Contudo, um assassinio como este não a perturbava. Também não se dava o caso de ficar contente nem pensar que se tratava apenas de mais uma pessoa morta. Não era isso. Mas um assassinio como este... era algo que exigiria toda a sua atenção. E poderia dedicar-se a ele por completo.

Sorriu para si mesma ao ver o grande bigode molhado de Sven-Erik. Parecia um animal atropelado na estrada. Nos últimos tempos usava-o bastante comprido e sem aparar. Perguntou-se se realmente não estaria demasiado sozinho. A filha vivia em Luleå com a sua própria família. De certeza que não se viam com frequência.

E, além disso, há um ano e meio que lhe desaparecera o gato. Anna-Maria tentou convencê-lo a arranjar outro, mas Sven-Erik recusou-se de forma categórica. «Só dão preocupações», disse-lhe. «Prendem-nos muito.» Ela sabia muito bem o que tudo aquilo significava. Ele queria proteger-se daquela dor profunda no coração. Deus sabe o quanto se havia preocupado com *Manne*, até que perdeu finalmente as esperanças e parou de falar no gato.

*Foi uma pena*, pensou Anna-Maria. Sven-Erik era um bom homem. Seria um bom companheiro para uma mulher. E um bom dono para qualquer animal. Ele e Anna-Maria davam-se bem, mas a nenhum dos dois lhe passaria pela cabeça relacionar-se fora do ambiente de trabalho. Não só porque ele era muito mais velho, mas porque não tinham muita coisa em comum. Se se encontravam por acaso na cidade ou nalguma loja quando não estavam de serviço, não sabiam o que dizer. No entanto, no trabalho passavam o dia a conversar e sentiam-se muito bem na companhia um do outro.

Sven-Erik olhou para Anna-Maria. Realmente ela era uma mulher baixa, pouco mais de metro e meio. Quase desaparecia dentro do enorme macacão para andar de mota de neve. O cabelo comprido e louro, amassado pelo gorro. Ela não se importava com isso. Não era pessoa de se maquilhar nem nada do género. Também não tinha tempo para isso. Quatro filhos e um marido que não parecia fazer grande coisa em casa. Tirando isso, não havia mais nenhum problema com Robert. Anna-Maria e ele pareciam estar bem juntos na companhia um do outro. Só que ele era um pouco mole.

Se bem que, agora que pensava nisso, quanto teria ele colaborado nas tarefas de sua casa quando estava casado com Hjördis? Pois não se lembrava bem. Do que realmente se recordava era de não saber cozinhar no início, quando começou a viver sozinho.

– Então está bem – disse Anna-Maria. – Quer dizer que vamos, tu e eu, através da tempestade inspeccionar todas as cabanas e os outros vão até à povoação e à estância turística?

Sven-Erik sorriu.

– É o melhor a fazer. Assim como assim, a noite de sábado já ficou estragada.

Na realidade não ficara estragada. O que teria feito, se não tivesse acontecido isto? Teria ficado a ver televisão e, quem sabe, teria passado um bocado na sauna do vizinho. O mesmo de sempre.

– É verdade – respondeu Anna-Maria enquanto corria o fecho do macacão para o fechar.

Muito embora não sentisse a mesma coisa. Aquela noite de sábado não estava perdida para ela. Um cavaleiro não pode ficar em casa protegido pela família. Assim era até capaz de ficar louca. Precisa de sair e puxar da espada. Voltar para casa, cansada e repleta de aventuras. Para junto da sua família que, de certeza, lhe deixara as caixas de cartão da piza e as garrafas de plástico amontoadas em cima da mesa da sala de estar. No entanto, tanto fazia. Era isso o melhor da vida. Bater às portas na escuridão e sobre o gelo.

– Espero que não tivesse filhos – disse Anna-Maria antes de mergulhar por inteiro no meio da ventania.

Sven-Erik não respondeu. Estava um pouco envergonhado. Ele não havia pensado nos filhos. Pensara apenas que esperava que não houvesse um gato trancado num apartamento em algum lugar à espera da dona.